

Desamor e o reencontro

Francisco e Irene, 75 anos, três filhos, dois rapazes e uma rapariga, viviam em plena harmonia e felicidade. Criaram e educaram os filhos com muitas dificuldades, muito trabalho e sacrifício, mas com um amor inexcedível e ainda ajudaram a criar três dos sete netos!

Os filhos, todos bem colocados na vida – o Pedro advogado, o Vitor engenheiro e a Helena professora universitária. Eram o orgulho dos pais! Os rapazes, um em Lisboa e outro em Inglaterra telefonavam com frequência e vinham sempre no Natal e uma semana em agosto.

Aquela agitação coloria os dias do casal!

Temos a casa cheia! – dizia, entusiasmada a D. Irene. Que felicidade!

Já a Helena, a princesinha da família, vivia na mesma rua, duas casas abaixo e era visita assídua da casa dos pais. Era ela o principal apoio quando os pais precisavam.

Mas, uma manhã, muito cedo, a caminho do campo para tratar das couves para o Natal, sem que nada o fizesse prever, o sr. Francisco sofreu um AVC e não resistiu.

Tudo mudou.

- Sozinha, neste casarão... o que hei de fazer?...

Tristonha e angustiada precisava agora, mais do que nunca, do carinho e apoio dos filhos e sobretudo de companhia. Olhava para o telefone que tinha deixado de tocar...

- Helena, minha filha, sinto-me tão sozinha!

- Amanhã falamos, agora estou com pressa. Come a sopa e não te esqueças dos comprimidos!

Passou um ano Francisco, fazes-me tanta falta! Os filhos esqueceram-se de mim. Já nem a nossa Helena me visita como devia... parece zangada... murmurava a D. Irene num solilóquio...

Quatro dias depois...

- Helena, que saudades! Dá-me um beijinho!

- Olha mãe, eu já não suporto essa tua figura lamecha, temos de tomar uma decisão: ou deixas as recordações e esse mau humor irritante ou então... tenho a minha vida organizada, uma profissão exigente, não tenho tempo nem paciência para velhos mal-humorados...

-

E, sem mais demoras, bateu com a porta.

Nos seus pensamentos, D. Irene recordava o passado, à noite tudo era pior, sozinha tudo lhe vinha à mente. Durante o dia, apesar da solidão, podia ligar o rádio e a televisão, ocupando assim a cabeça e não sentia tanto a falta dos seus amados filhos.

Assim se iam passando os dias e os filhos, sem se aperceberem, continuavam nas suas vidas agitadas, como

se a mãe não fizesse parte delas. Só nas festas é que lhe telefonavam, já nem lá a casa iam.

Um belo dia, por coincidência o mesmo dia em que o pai tinha partido, D. Irene sofreu um AVC e foi parar ao hospital. De imediato, comunicaram à família a situação em que ela se encontrava e os cuidados de que ia necessitar ao ir para casa, precisando de estar permanentemente vigiada.

Aí os filhos aperceberam-se de que estavam a ser demasiado egoístas. No hospital, ao ver os seus filhos e netos, os seus olhos encheram-se de lágrimas, e exclamou:

- Não cabe tanta felicidade no meu coração ao ver tão belo retrato!

Um dos netos pegou na sua mão e beijou-a.

A filha, que tinha sido demasiado dura nas suas palavras, foi a única que se prontificou a levá-la para sua casa.

- Mãe, a minha casa é também a sua - disse Helena.

Passados alguns meses, a D. Irene já se sentia melhor, ajudava nas lides domésticas e a cuidar dos netos mais novos. Assim ocupava o seu tempo e a sua mente.

Professora Filomena Maria Marques

Agrupamento de Escolas D. Sancho II, Alijó

Soraia Leão

7.º C, Agrupamento de Escolas de Moure e Ribeira do Neiva,
Vila Verde